

Plantas do futuro do NE: plantas ornamentais, produtoras de fibras e com sementes ornamentais.

Roxana Cardoso Barret¹; Alcina Maria Barbosa Viana¹; Ana Cecília Ribeiro de Castro²; Natália de Jesus Vinhas¹.

¹Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife-PE. e-mail: rocabarreto@hotmail.com; alcinav@pop.com.br; nataliavinhas@gmail.com; ²Embrapa Agroindústria Tropical (CNPAT), Fortaleza, CE, e-mail: cecilia@cnpat.embrapa.br.

1. INTRODUÇÃO

Através da oportunidade oferecida pelo grande projeto nacional para o estudo de plantas nativas com potencial econômico, neste capítulo são apresentadas aquelas consideradas ornamentais, produtoras de fibras e com sementes ornamentais que ocorrem na região Nordeste do Brasil.

A importância da pesquisa deve-se à constatação de que apesar da destacada diversidade vegetal encontrada no Brasil, a maioria das espécies tradicionalmente utilizadas são exóticas que passaram por processos de adaptação e que não raramente interferem no ambiente, além de sofrerem também alterações em seus ciclos biológicos. Contudo, o uso das exóticas é facilitado por se tratarem de plantas em cultivo e, na maioria dos casos, já melhoradas geneticamente, resultando em modificações morfológicas e fisiológicas que propiciam a produção de floração mais intensa, folhas e flores com coloração variada, entre outros aspectos. Além disso, no caso das plantas ornamentais, existe a herança dos paisagistas europeus cujos jardins foram copiados por muito tempo até o surgimento de Roberto Burle Marx, paisagista brasileiro que adotou o uso da vegetação tropical, criando jardins temáticos que valorizam as espécies do Brasil e remetem o observador a ambientes como a caatinga, a Mata Atlântica e a Amazônia.

Uma de suas contribuições, por exemplo, está no cultivo das helicônias e bromélias que passaram a ser valorizadas mundialmente. Portanto, para que o uso de algumas espécies nativas seja introduzido e intensificado, torna-se necessário que se conheça métodos de propagação mais eficientes, bem como seja trabalhada a durabilidade das flores e folhas. Pelo exposto, verificou-se que o nicho ocupado pelas espécies nativas ainda é bastante reduzido diante do potencial existente.

A floricultura brasileira, que responde por um mercado de dois bilhões de dólares, incluindo varejo, está sendo fortalecida com vários programas oficiais como o PROFLORES e FLORA BRASILIS, que visam aumentar a exportação de flores, sobretudo as tropicais (Aki & Perosa, 2002). O crescimento observado na comercialização de flores tropicais no mercado internacional ocorre em função do aumento da área de produção nos países da América Central e da América do Sul, o que proporciona maior oferta do produto e conseqüente divulgação (Castro, 1995).

O mercado mundial de ornamentais nativas apresentam elevado potencial econômico, uma vez que os consumidores de países de clima temperado consideram este produto exótico, sendo correlacionado com regiões tropicais e este ser um negocio movido por novidades. As exportações brasileiras de flores e plantas cresceram mais de 124% entre 2001 e 2006, mantendo crescimento real de pelo menos 10% ao ano.

A adequação climática e pouca variação de temperatura durante o ano, o que não exige investimento com estufas, e a posição geográfica mais próxima da Europa e EUA, maiores centros consumidores, tornam o cultivo das flores tropicais viável economicamente para a região Nordeste, fazendo com que os preços sejam mais competitivos, resultando em mais uma fonte de renda e empregos.

Além de ser pioneiro na produção de flores tropicais, o Estado de Pernambuco destaca-se como sendo um dos maiores produtores de helicônias, principalmente na Zona da Mata, com aumento de 1.200% na área plantada nos últimos anos (Aki & Perosa, 2002).

Sampaio et al. (2002) publicaram um livro sobre a vegetação e flora da caatinga, indicando o uso de plantas que requerem seleção e coleta na vegetação nativa além de analisarem a ocupação do espaço com agricultura e com pastagens e tratarem da produção de lenha e carvão a partir das espécies da caatinga. Neste trabalho, os autores indicaram fibras extraídas no bioma caatinga com base no censo do IBGE de 1995/1996, sendo citadas a palha do buriti, caroá, tucum, piaçava e carnaúba. Entre as nativas usadas na arborização de ruas, praças e jardins pelo seu caráter ornamental, ressaltaram a importância das palmeiras, de um modo geral, assim como os ipês e cássias, além de mencionarem o comércio reconhecido das orquídeas e bromélias, embora tenham salientado a falta de uma listagem das espécies nativas com tal potencial, especialmente com estudos sobre a seleção e melhoramento das mesmas.

A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), através da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT), criou o projeto “Imaginário Pernambucano” visando promover o desenvolvimento sustentável, a cultura e a inclusão social em treze diferentes localidades do Estado de Pernambuco.

Este projeto, realizado em parceria com outras instituições como o SEBRAE, Associação Plantas do Nordeste (APNE), Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) e Centro de Cultura Luiz Freire, está voltado para o desenvolvimento da produção e venda de artesanato, estimulando a geração de trabalho e renda nas comunidades através de oficinas de gestão de qualidade e consultorias de design. Como exemplos, são destacados aqui três subprojetos pelo uso de fibras e sementes.

No Município de Salgueiro está localizada a comunidade de Conceição das Crioulas, onde havia originalmente o cultivo e a fiação do algodão e hoje se confecciona artesanato com barro, caroá, palha e imbirá que levaram a AQCC à conquista do I Prêmio Banco Mundial de Cidadania em reconhecimento ao projeto de valorização do artesanato da comunidade.

Entre os Municípios de Ibimirim e Inajá vivem os Kambiwá, povo indígena que utiliza a fibra do caroá, a palha do ouricuri, a madeira e as mais variadas sementes para a produção de esculturas, cestos, colares, pulseiras, bolsas e outros produtos, tendo o projeto proporcionado a melhoria dos processos produtivos, desde a extração das matérias-primas até a finalização dos produtos, promovendo também o fortalecimento e a mobilização do grupo de artesãos para o trabalho cooperado e colaborado na valorização da cultura e da identidade do povo Kambiwá.

No Município de Sertânia, encontra-se o povoado de Caroalina, onde até a década de 60, a fibra de caroá era produzida e fornecida pela comunidade rural a grandes indústrias, sendo substituída pelo agave e pela fibra sintética, enquanto hoje através da produção artesanal, a mesma matéria-prima ressurgiu como uma alternativa para o desenvolvimento sustentável do local.

Outro projeto dedicado ao incentivo da produção de artesanato com matéria-prima obtida na natureza, chamado “Arquitetando Arte”, foi criado pelo SEBRAE e conta com a participação de arquitetos locais que contribuem na elaboração das peças através da orientação do design e divulgação dos produtos. Exemplos destas parcerias podem ser encontrados em algumas comunidades que se especializaram no uso de diferentes matérias como a palha do ouricuri e sementes, no Aldeamento Indígena Fulni-ô, a taboa, pelo Grupo de Mulheres de Santa Terezinha, a renda de coqueiro, fibra de madeira, barbantes de caroá e de juta, usados pela Arte Reveste – João Lopes.

As espécies selecionadas como ornamentais foram escolhidas a partir de critérios que levaram em consideração a sua beleza, porte, coloração, resistência, floração, frutificação, relativa facilidade de reprodução, utilidade paisagística e comercialização, neste caso, lembrando que existem plantas produtoras de flores de corte e folhagens de corte que têm sido exploradas intensamente, inclusive alcançando altos preços no mercado interno e

externo, surgindo como novas opções, além daquelas já utilizadas tradicionalmente há décadas.

Quanto às espécies consideradas como produtoras de fibras, a sua escolha foi realizada principalmente através da observação de utensílios utilizados no cotidiano e dados bibliográficos. Sabe-se que existe atualmente uma grande valorização do uso de objetos confeccionados a partir de elementos naturais e esta tem sido constatada em exposições de artesanatos, mostras de decoração ou simplesmente em estabelecimentos comerciais, onde são encontrados tradicionalmente diversos objetos feitos com fibras naturais. Nesta pesquisa, algumas famílias vegetais, conhecidas normalmente pelo seu potencial ornamental, são indicadas como produtoras de fibras de qualidade.

Assim como as fibras, as sementes também representam um produto com elevado potencial econômico. Aproveitando toda a tendência atual da utilização de materiais encontrados na natureza, surgiram com grande destaque as “jóias” produzidas com sementes e fibras naturais, chamadas de “biojóias”, que têm alcançado altos preços no comércio. Portanto, os adornos utilizados pelos índios que chegaram ao mundo moderno como elementos decorativos de baixo preço alcançam agora vitrines elegantes de lojas sofisticadas.

A lista de espécies elaborada para o projeto Plantas do Futuro resultou de um levantamento bibliográfico somado à seleção de espécies úteis relacionadas em bancos de dados já existentes. O banco de dados PNE-Checklist da APNE-CNIP serviu de base para a listagem inicial das plantas, no qual eram indicadas apenas 24 espécies ornamentais e duas produtoras de fibras. Os bancos de dados, originados a partir de coletas realizadas nesta região do país em projetos anteriores de levantamentos florísticos da caatinga e de resquícios de Mata Atlântica também serviram como fonte de pesquisa. Os herbários locais foram consultados para o levantamento de espécies e suas respectivas áreas de ocorrência registradas nas fichas das exsicatas. O material herborizado também foi utilizado para medições e observação da morfologia das espécies descritas neste capítulo.

Feiras e exposições foram visitadas para a observação de objetos confeccionados com produtos naturais ali expostos e/ou comercializados. Uma pesquisa também foi realizada ao sul da Bahia, entre Porto Seguro e Santa Cruz de Cabrália, onde existe grande diversidade de espécies, tanto produtoras de fibras como de sementes ornamentais, utilizadas no artesanato que ali é muito vendido, considerando a intensidade de turistas brasileiros e estrangeiros que visitam a região. As visitas incluíram entrevistas feitas com os artesãos para a seleção das produtoras de fibras e sementes ornamentais mais utilizadas na fabricação dos artesanatos.

A seleção das espécies com potencial ornamental, produtoras de fibras e com sementes ornamentais foi uma tarefa difícil, diante da grande riqueza observada na vegetação nordestina e para tal escolha, alguns critérios foram considerados de acordo com a real utilidade dos vegetais, desconhecimento de seu potencial econômico, originalidade da escolha, facilidade com que são encontrados na natureza e, sobretudo, na possibilidade de reprodução dos mesmos. Inicialmente, foi organizada uma lista contendo 316 espécies de plantas consideradas ornamentais, 56 escolhidas como produtoras de fibras e 13 cujas sementes são utilizadas na confecção de ornamentos como colares, pulseiras, brincos, bolsas, etc. Estas listas contêm vários descritores que incluem dados relacionados ao local de ocorrência das espécies, seus nomes populares, época de floração e frutificação, duração da floração, preferências ambientais, diferentes formas de uso, entre outros. As espécies foram mais uma vez selecionadas, chegando-se a 45 consideradas ornamentais, 38 produtoras de fibras e 13 com sementes ornamentais. Durante a realização de um seminário regional foram finalmente definidas as espécies consideradas prioritárias de acordo com todos os critérios estabelecidos pelo grupo de trabalho, incluindo 32 ornamentais, 15 produtoras de fibras e permanecendo com as 13 espécies que produzem sementes ornamentais, sendo todas descritas neste capítulo.

2. LISTA DE ESPÉCIES

2.1. Plantas ornamentais

Família	Nome científico	Nome popular	Usos
Araceae	<i>Anthurium affine</i>	milho de urubu	Folhagem de corte e paisagismo.
Araceae	<i>Monstera pertusa</i>	costela-de-adão	Folhagem de corte e paisagismo.
Arecaceae	<i>Mauritiella armata</i>	caraná	Paisagismo urbano.
Arecaceae	<i>Syagrus botryophora</i>	patioba	Paisagismo urbano.
Arecaceae	<i>Syagrus cearensis</i>	catolé	Paisagismo urbano e rural.
Bignoniaceae	<i>Jacaranda caroba</i>	carobinha	Paisagismo urbano.
Bignoniaceae	<i>Jacaranda cuspidifolia</i>	caroba	Paisagismo urbano.
Bignoniaceae	<i>Tabebuia aurea</i>	craibeira	Paisagismo urbano e rural.
Bignoniaceae	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	ipê-amarelo	Paisagismo urbano e rural.
Bignoniaceae	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	ipê-roxo	Construção; carvão; paisagismo urbano e rural.
Bignoniaceae	<i>Tabebuia serratifolia</i>	pau-d'arco	Paisagismo urbano e rural.
Bromeliaceae	<i>Canistrum alagoanum</i>	gravatá	Cultivo em vasos ou chão de jardins.
Bromeliaceae	<i>Canistrum aurantiacum</i>	gravatá	Cultivo em vasos ou jardins.
Bromeliaceae	<i>Cryptanthus burle-marxii</i>	gravatá	Cultivo em vasos ou jardins.
Bromeliaceae	<i>Cryptanthus zonatus</i>	gravatá	Cultivo em vasos ou jardins.
Bromeliaceae	<i>Portea leptantha</i>	gravatá	Cultivo em vasos ou jardins.
Bromeliaceae	<i>Tillandsia bulbosa</i>	medusa	Cultivo em vasos para ornamentação de ambientes.
Cactaceae	<i>Melocactus bahiensis</i>	coroa-de-frade	Cultivo em vaso ou jardins.
Commelinaceae	<i>Dichorisandra tyrsiflora</i>	trapoeraba	Paisagismo.
Commelinaceae	<i>Tradescantia ambigua</i>	trapoeraba	Paisagismo.
Costaceae	<i>Costus spiralis</i>	cana-de-macaco	Flores de corte e paisagismo.
Fabaceae	<i>Bowdichia virgilioides</i>	sucupira	Paisagismo urbano e rural.
Heliconiaceae	<i>Heliconia bihai</i>	helicônia	Flores de corte e paisagismo.

Heliconiaceae	<i>Heliconia psittacorum</i>	paquevira	Flores de corte e paisagismo.
Lythraceae	<i>Physocalymma scaberrimum</i>	pau-de-rosas	Paisagismo urbano.
Mimosoideae	<i>Calliandra brevipes</i>	esponjinha	Paisagismo, cercas vivas.
Mimosoideae	<i>Calliandra leptopoda</i>	esponjinha	Paisagismo, cercas vivas.
Orchidaceae	<i>Cattleya granulosa</i>	orquídea	Flor de corte e planta de vaso.
Portulacaceae	<i>Portulaca grandiflora</i>	onze-horas	Forrações em jardins.
Rubiaceae	<i>Richardia grandiflora</i>	poia-rasteira	Forrações em jardins.
Xyridaceae	<i>Xyris platystachia</i>	cabeça-de-negro	Flores desidratadas.
Xyridaceae	<i>Xyris roraimae</i>	botão-de-ouro	Flores desidratadas.
Zingiberaceae	<i>Renealmia exaltata</i>	Pacova	Flores de corte.

2.2. Plantas Produtoras de Fibras

Família	Nome científico	Nome popular	Usos
Araceae	<i>Heteropsis longispathacea</i>	heteropsis	cestaria
Araceae	<i>Philodendron cordatum</i>	cipó-trapiá	Raízes fibrosas para cordoalha e amarrilhos grosseiros.
Arecaceae	<i>Astrocaryum vulgare</i>	tucum	Confecção de redes, cordas para arcos, linhas de pesca, esteiras, chapéus etc.
Arecaceae	<i>Copernicia prunifera</i>	carnaúba	Confecção de esteiras, chapéus e outros artefatos além da cera.
Arecaceae	<i>Desmoncus orthacanthos</i>	titara	Fabricação de cestos artesanais
Arecaceae	<i>Mauritia flexuosa</i>	buriti	Confecção de esteiras, cordoalhas, redes, chapéus etc.
Arecaceae	<i>Syagrus coronata</i>	ouricuri	Cobertura de casebres e confecção de artefatos como chapéus, esteiras e abanos.
Bromeliaceae	<i>Ananas lucidus</i>	ananás	Artesanato e flor de corte
Bromeliaceae	<i>Ananas sativus</i>	abacaxi	Confecções finas, como rendas, mantilhas, cortinas e artigos similares.
Bromeliaceae	<i>Neoglaziovia variegata</i>	caroá	Confecção artesanal de cordas e barbantes. Forrageira e indústria têxtil.

Cyperaceae	<i>Eleocharis interstincta</i>	junco	Artesanato em geral.
Dilleniaceae	<i>Dolioscarpus dentatus</i>	cipó-michila cipó-de-fogo	Artesanato em geral.
Malvaceae	<i>Urena lobata</i>	guaxuma-roxa	Confecção de redes, cordoalhas, barbantes, linhas de pescar e tecidos grosseiros.
Marantaceae	<i>Ischnosiphon arouma</i>	guarimã	Cestos, esteiras, peneiras e outras obras traçadas.

2.3. Plantas com Sementes Ornamentais

Família	Nome científico	Nome popular	Usos
Araliaceae	<i>Didymopanax morototoni</i>	Morototó	Produção de adornos.
Arecaceae	<i>Euterpe oleracea</i>	Açaí	Vinho, sucos, geléias, doces, etc.
Arecaceae	<i>Syagrus coronata</i>	aricuri, ouricuri, licuri	Ornamental; fibras; construções rústicas; cera; alimentos para animais silvestres.
Bignoniaceae	<i>Arrabidaea chica</i>	pariri	Melífera; propriedades medicinais.
Cyperaceae	<i>Cyperus rotundus</i>	tiririca	Ornamental; medicinal; confecção de colares; brincos e pulseiras.
Fabaceae	<i>Abrus precatorius</i>	olho-de-pombo	Forrageiros; medicinais e ornamentais.
Fabaceae	<i>Mucuna urens</i>	olho-de-boi	Ornamental, medicinal.
Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i>	pacari	Construção; arborização urbana; melífera e no paisagismo.
Malpighiaceae	<i>Byrsonima verbascifolia</i>	muriá	Alimentação humana; madeira; apícola, medicinal e sementes ornamentais.
Mimosaceae	<i>Adenantha pavonina</i>	tento-vermelho	Medicamentos; ornamental; arborização de ruas e praças, sombreamento e artesanato.
Mimosaceae	<i>Parkia pendula</i>	Juerana, visgueiro	Ornamental. Arborização e artesanato.
Poaceae	<i>Coix lachryma</i>	milagre	Artesanato
Sapindaceae	<i>Sapindus saponaria</i>	sabão-de-macaco	Artesanato

AGRADECIMENTOS

Menção especial à pesquisadora Gardene Maria de Sousa (UFPI), pelas informações relevantes sobre a família Bromeliaceae e agradecimentos aos pesquisadores Ademir Reis (UFSC), Alonso da Mota Lamas (AFLORAL), Cláudio Urbano Pinheiro (UFMA), Rita de

Cássia Pereira Galindo (IPA), Vivian Loges (UFRPE), que contribuíram para a seleção das espécies prioritárias e indicação de formas de utilização e comercialização das mesmas.

3. LITERATURA CONSULTADA

ANDRADE-LIMA, D. **Plantas da Caatinga**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 1989. 243p.

AKI, A.; PEROSA, J. M. Aspectos da produção e consumo de flores e plantas ornamentais no Brasil. **Rev. Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v. 8, n.1/2, p.13-23, 2002.

BARRETO, R.C. 1985. **Estudos taxonômicos sobre a família Lauraceae Lindley no Estado de Pernambuco – Brasil**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

BARRETO, R.C. 1997. **Levantamento das espécies de Commelinaceae R. Br. nativas do Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

BARROS, C. da S.S. 1998. **Araceae da Reserva Particular do Patrimônio Natural de Vera Cruz, Município de Chã Preta – AL**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

BARROSO, G.M. et al. **Sistemática de Angiospermas do Brasil**. v.1. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. 255p.

BARROSO, G.M. et al. **Sistemática de Angiospermas do Brasil**. v.2. Viçosa: Ed. Univ. Federal de Viçosa, 1984. 377p.

BARROSO, G.M. et al. **Sistemática de Angiospermas do Brasil**. v.3. Viçosa: Ed. Univ. Federal de Viçosa, 1986. 326p.

BARROSO, G.M. et al. **Frutos e sementes - Morfologia aplicada à sistemática de dicotiledôneas**. Ed. Univ. Federal de Viçosa, 1999. 443p.

BRAGA, R. **Plantas do Nordeste: especialmente do Ceará**. 5. ed. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2001. 540p.

CASTRO, C.E.F. de. **Helicônia para exportação: aspectos técnicos da produção**. Brasília: MAARA-SDR-FRUPEX/SPI, 1995. 44p. (FRUPEX - Publicações Técnicas).

CORREA, M.P. **Dicionário das Plantas úteis do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926. v.1.

CORREA, M.P. **Dicionário das Plantas úteis do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1931. v.2.

CORREA, M.P. **Dicionário das Plantas úteis do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura; Serviço de Informação Agrícola, 1952. v.3.

CORREA, M.P. **Dicionário das Plantas úteis do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura; IBDF, 1969. v.4.

CORREA, M.P. **Dicionário das Plantas úteis do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura; IBDF, 1974. v.5.

CORREA, M.P. **Dicionário das Plantas úteis do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura; IBDF, 1975. v.6.

CORREA, M.P. **Fibras têxteis e celulose**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio; Imprensa Nacional, 1919. 276p.

CHIEA, S.A.C.; SILVA, T.R.S. Malvaceae. 1992. p.9-13. In: M.M. da R.F. de Melo et al. (Eds.). **Flora fanerogâmica da Ilha do Cardoso**. v.2. Instituto de Botânica, São Paulo.

FERRI, M.G.; MENEZES, N. L. de; MONTEIRO, W.R. **Glossário Ilustrado de Botânica**. São Paulo: Editora Nobel, 1981. Reimpressão 2001. 197 p.

GENTRY, A.H. Bignoniaceae – Part II (Tribe Tecomeae). p.1-370. In: **Flora Neotropica**, Monograph 25(II). New York: The New York Botanical Garden; Organization for Flora Neotropica, 1992.

GIULIETTI, A.M. et al. Estudos em “sempre-vivas”: taxonomia com ênfase nas espécies de Minas Gerais, Brasil. **Acta Botanica Brasílica**. v.10, n.2, p.329-377, 1996.

JOLY, A. B. Botânica: **Introdução à taxonomia vegetal**. 12. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1998. 777p.

KAMER, H.M. de; MAAS, P.J. Costaceae. 2003. Pp.63-65. In: WANDERLEY, M. das G.L. et al. (Coords.). **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. v. 3. FAPESP: RiMa, São Paulo.

KIYUNA, I.; ANGELO, J.A.; COELHO, P.J. **Floricultura: Comportamento do comércio exterior brasileiro no primeiro trimestre de 2004**. Instituto de Economia Agrícola. Abril 2004. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=1352&PHPSESSID=> Acesso em 30 set.2004.

LINS, C. J. C. **Programa de Ação para o Desenvolvimento da Zona da Mata do Nordeste**. Recife, SUDENE/DPO/SER, 1996. 169p. il.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. 2.ed. Nova Odessa, SP: Editora Plantarum , 1992. 2.v.

LORENZI, H.; SOUZA, H.M. de; **Plantas ornamentais do Brasil**: arbustivas, herbáceas e trepadeiras. 3. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2001. 1.088p.

LORENZI, H. et al. **Palmeiras brasileiras e exóticas cultivadas**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2004. 416p.

LORENZI, H.; MELLO FILHO, L.E. **As plantas tropicais de R. Burle Marx**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2001. 488p.

MAAS, P.J.M. Renealmia (Zingiberaceae – Zingiberoideae) Costoideae (Additions – Zingibiberaceae). p.1-218. In: **Flora Neotropica**, Monograph 18. New York: The New York Botanical Garden; Organization for Flora Neotropica, 1977.

MEDEIROS-COSTA, J.T. As espécies de Palmeiras (Arecaceae) do Estado de Pernambuco, Brasil. 2001. p.229-236. In: TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. (Orgs.). **Diagnóstico da Biodiversidade de Pernambuco**. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente, Editora Massangana, Recife.

- RENVOIZE, S. A. **The grasses of Bahia**. Kew: Royal Botanic Gardens, 1984. 301p.
- RIBEIRO, T.R.; LOPES, G.G.O.; VIANA, F.D. **Produção de mudas e flores de plantas ornamentais tropicais**. Petrolina, PE: Embrapa/Serviço de Negócios para a Transferência de Tecnologia, 2002. 41p. (Circular Técnica).
- RIZZINI, C.T.; MORS, W. B. **Botânica Econômica Brasileira**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1995. 241p.
- SAMPAIO, Y.; SAMPAIO, E.V.S.B.; BASTOS, E. **Parâmetros para pesquisa agropecuária**. Recife: PIMES-UFPE, 1987. 224p. (Série Estudos 15).
- SAMPAIO, E.V.S.B. et al. (Eds.). **Vegetação & Flora da Caatinga**. Recife: Associação Plantas do Nordeste – APNE; Centro Nordestino de Informações sobre Plantas – CNIP, 2002. 176p.; il.
- SIQUEIRA FILHO, J.A. Bromélias em Pernambuco: diversidade e aspectos conservacionistas. 2001. p.219-228. In: TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. (Orgs.). **Diagnóstico da Biodiversidade de Pernambuco**. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente, Editora Massangana, Recife.
- SMITH, L.B.; DOWNS, R.J. Tillandsioideae (Bromeliaceae). p. 663-1492. In: **Flora Neotropica**, Monograph 14(II). New York: The New York Botanical Garden; Organization for Flora Neotropica, 1977.
- SMITH, L.B.; DOWNS, R.J. Bromelioideae (Bromeliaceae). p. 1493-2142. In: **Flora Neotropica**, Monograph 14(III). New York: The New York Botanical Garden; Organization for Flora Neotropica, 1979.
- STANNARD, B.L. (Ed.). **Flora of the Pico das Almas – Chapada Diamantina – Bahia, Brazil**. Kent – Great Britain: Whitstable Litho Ltd., 1995. 853p.
- WANDERLEY, M. das G.L. 1992. **Estudos taxonômicos no gênero Xyris L. (Xyridaceae) da Serra do Cipó, Minas Gerais, Brasil**. Tese de Doutorado. Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo.